



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

EIXO TEMÁTICO: Fundamentos da Educação: História, Filosofia e Sociologia da Educação
FORMA DE APRESENTAÇÃO: Resultado de Pesquisa

COMPANHIA DE JESUS: DOS OBJETIVOS INICIAIS AO DESTAQUE NA EDUCAÇÃO

Leandro Lente de Andrade¹

Resumo

O propósito do presente trabalho é argumentar que as intenções dos primeiros companheiros nunca foram fazer com que a fundada Ordem se tornasse aquilo que ela veio a ser (e com proficuidade): educadores, detentores de colégios e escolas. Para isso, é traçado um breve retrospecto a respeito do caminho trilhado em direção à educação, passando por algumas características da espiritualidade inaciana e como foram agregadas as novas faces, ou, por assim dizer, os novos “elmos” dos soldados de Cristo – a educação.

Palavras Chave: Educação; Jesuítas; Espiritualidade; Transformação; Colégios.

INTRODUÇÃO

No mesmo século em que a Companhia de Jesus foi fundada, ela já ocupava posição de destaque no ensino por toda a Europa, marcando os séculos posteriores com a formação de grandes mentes como René Descartes, John Locke, Voltaire etc. No Brasil a educação jesuíta foi hegemônica por mais de 200 anos, desde a vinda dos primeiros missionários (1549) até a expulsão dos jesuítas por Marquês de Pombal (1759). O “sucesso” da reconhecida educação jesuíta jamais seria algo possível de ser afirmado, ou até imaginado, caso analisássemos os primeiros documentos dos seus fundadores. A intenção inicial do pequeno grupo de cristãos, que fundariam uma Ordem importantíssima no combate aos hereges protestantes, jamais foi comandar colégios ou serem reconhecidos por suas atuações no ensino.

As fontes consultadas para elucidar os objetivos iniciais de Loyola e seus primeiros companheiros de jornada são: as narrativas da *Autobiografia* de Inácio; os *Exercícios Espirituais*, documento utilizado amplamente como fundamento de propagação das ideias e espiritualidade cristã renovada; e os documentos oficiais de fundação, bula papal *Regimini militantes ecclesiae* e *Fórmula do Instituto*, e dos anos iniciais da Ordem, *Constituições da Companhia de Jesus*. Além dos textos fundantes da Companhia de Jesus, foram consultados principalmente os trabalhos de John O’Malley (2004) e Célio Juvenal Costa (2004), que corroboram com a ideia de que a recém fundada Ordem do século XVI foi adquirindo perfil escolar na medida em que foi enfrentando as necessidades históricas que seu tempo lhe trazia.

¹Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.
leeandroandrade@hotmail.com



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

METODOLOGIA

Como o trabalho trata de algo que ocorreu no passado, toda a metodologia é histórica, cuja forma de utilização dos resultados é básica, por suas contribuições na compreensão e avanço do conhecimento científico não visarem aplicação prática. No que tange o nível de interpretação a ser realizado, a pesquisa pode ser classificada como qualitativa, com objetivos tanto descritivos quanto explicativos. Tomo com princípio metodológico de que o conteúdo analisado deva “ser obtido a partir da realidade concreta, com dados fornecidos por personagens que viveram naquele ambiente” (CASIMIRO, 2006, p. 9). Portanto, obviamente, as fontes consultadas são, quando não diretas dos sujeitos quinhentistas, dos escritos de autores que estiveram envolvidas no contexto do século XVI. E, ainda, ao recorrer a historiografia, me apropriarei de estudiosos que também tiveram como princípio a sustentação de seus argumentos com base nas fontes documentais primárias.

Parto do pressuposto teórico de que a História deva ser lida e interpretada tendo em vista a produção material do homem. Tal como, pioneiramente, Marx (2004, p. 115 et seq.) inaugurando o que seria chamado por Engels de materialismo histórico e, contemporaneamente, pelo representante da História Cultural francesa, Roger Chartier (2002, p. 75-76): deve-se negar a compreensão histórica idealista de Hegel. Não obstante, a História não se resume às relações econômicas. Diante do complexo contexto que o recorte é proposto, cabe uma abordagem cultural, não culturalista (CASTANHO, 2010). A importância do diálogo com outras áreas do conhecimento, tal como a Antropologia, a Literatura, a Psicologia, etc. como ferramentas a serem utilizadas na compreensão da realidade objetiva, por meio da leitura crítica das fontes. Assim sendo, sigo a interpretação dos documentos levando em consideração aquilo que João Adolfo Hansen (1995) chamou de fundamentos retóricos “teológico-políticos”.

No que diz respeito ao encadeamento das discussões toma-se a liberdade de transitar entre o singular e o todo, entre os conceitos e as teorias, entre os documentos e a historiografia, entre o objeto e o seu entorno, entre o texto e o contexto; pois, “a parte não exclui o todo, nem a totalidade exclui a parte” (CASIMIRO, 2006, p. 10). Entendendo, assim, que a decomposição da ciência não possui uma finalidade em si mesma, mas que faz um retorno útil ao todo (social, econômico etc.), diante da compreensão das relações humanas de escala geográfica menor e um reduzido espaço de tempo (BRAUDEL, 2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O plano inicial dos primeiros companheiros reunidos antes de oficializada a Ordem, estava longe de tomar a proporção que a Companhia de Jesus teve. A princípio, o desejo de Loyola por peregrinar de modo heroico-santo até Jerusalém, que se encontrava sob domínio dos turcos otomanos, contagiava os que cruzavam seu caminho e se tornariam parceiros de caminhada. O desapego das riquezas terrenas, da avareza, do reconhecimento secular, do orgulho, faria dos companheiros aptos a se desprenderem das necessidades materiais e dos impedimentos de servir a Deus para sua maior glória. Características que, posteriormente com a fundação da Ordem, seriam institucionalizadas como o voto de pobreza e a disposição em estar prontos para ir a quaisquer lugares sob ordem do Sumo Pontífice. O ministério do apostolado seria sua grande marca, não o ministério contemplativo. Os inicianos estavam dispostos a serem instrumentos de Deus na terra e, reconhecida a autoridade romana, fariam o



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

necessário para atender o propósito maior de “defesa e propagação da fé”, tão necessários para a Igreja naquele momento histórico.

A ênfase na ação direta de Deus, presente na espiritualidade de Loyola, sobretudo nos *Exercícios Espirituais*, aliada de uma certa independência, ou autonomia, do indivíduo na sua comunicação com Deus, na ação divina direta, nos seus autoexames, teve de conciliar-se com a disciplina da Igreja, os sacramentos, o respeito pela hierarquia e o olhar para a tradição. Desse modo, a Companhia ganharia consistência. A piedade se aliaria a erudição, o espiritual ao intelectual; tanto a virtude, quanto as letras, fariam composição do perfil jesuíta. A estima pelos estudos seria agregada a espiritualidade “orgânica” proveniente da *devotio moderna*. Nas palavras de Storck:

Compreendam que nada do que humano se deve considerar alheio aos estudos. Ou seja, a literatura, as artes e a filosofia que abordam e refletem sobre a natureza e sobre a pessoa humana são boas em si. No pensar dos jesuítas se podia combinar o cultivo da piedade com a erudição, uma não excluindo a outra.

Une-se a concepção espiritual dos *Exercícios* com as letras humanas, ou o humanismo cristão, que deu origem ao que podemos denominar humanismo jesuítico (STORCK, 2016, p. 142).

Outro ponto marcante para a Ordem teve que se adaptar com o crescimento da instituição, sobretudo a multiplicação dos colégios; o voto de pobreza. A necessidade de manutenção fez com que Loyola, pouco antes de falecer, revesse a radicalidade do voto e como as circunstâncias exigiam uma postura mais flexível.²

A identidade jesuítica foi, assim, se moldando de acordo com as necessidades presentes em seu percurso histórico. A presença marcante de Loyola guiando seus soldados, mediante os *Exercícios Espirituais* e suas instruções, no modo de proceder foi tomando forma na medida em que o Corpo conquistava espaço e avançava. O’Malley (2004) destaca o “caráter cumulativo” na incorporação de características novas, diante da flexibilidade jesuítica e seu caráter de abraçar a missão que lhe é confiada:

Sua vocação como pregadores itinerantes sofreu superposição de serem ao mesmo tempo professores residentes nos colégios. O seu ministério de consolação interior sofreu sobreposição da defesa de uma ortodoxia confessional. Sua insistência na ação direta de Deus sobre o ser humano tinha que se ajustar à preocupação da ordem e da disciplina que marcam toda instituição. Seu desejo de fazer um ministério sem recompensa logo se adaptou à necessidade de fontes sustentáveis de renda para as instituições duradouras que esperavam fundar (p. 43).

Dentre essas características, incorporadas ao itinerário jesuíta, está a ênfase na educação e o encargo do ensino que a Ordem passa a possuir.

Antes de concluir cabe trazer um resumo daquilo que John O’Malley considera as “10 características contribuintes para o sucesso inicial dos jesuítas e para um estilo novo de educação internacional”. 1) os colégios não cobravam matrícula; 2) tinham as portas abertas para todas as classes sociais; 3) compunham, em similaridade, a tendência da formação do caráter e das matérias curriculares de sua época; 4) a compatibilidade entre as “letras humanas” e a ciência/filosofia aristotélica e a teologia tomística; 5) a adoção de um modelo de

²(Cf. O’MALLEY, 2004, p. 533-538).



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

divisão de classes, ordenador da progressão, visando o cumprimento de metas, o modus parisiensis; 6) também influenciados pelo modus parisiensis, o sistema de ensino pautado nas repetições, disputas, exercícios, peças e outras atividades, cujo objetivo era a fixação do conteúdo; 7) simplicidade e facilidade de assimilação do conteúdo proposto e trabalhado, de modo prático e piedoso, ético e religioso; 8) a confraternidade, a articulação entre as instituições religiosas (Congregações Marianas); 9) a rede de colégios sob o mesmo propósito, com regras bem delineadas e ajustadas “a necessidade de acomodação a época, lugares e circunstâncias”; e 10) “o ensinamento subjacente ao ensinamento”, a formação educacional e a motivação jesuíta se destacava dentre as demais instituições de ensino, o amor aos alunos e a determinação no serviço a Deus (O’MALLEY, 2004, p. 352-353).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim,

quando os jesuítas iniciaram sua aventura educacional cerca de uma década após sua fundação, não poderiam ter previsto o impacto sobre eles. Tratavam os colégios como se eles fossem apenas mais um – embora especialmente importante – ministério acrescentado a uma lista já longa. Eles não haviam compreendido que esse ministério trazia em si um dinamismo intrínseco que mudaria a organização que se envolvesse com ele (O’MALLEY, 2004, p. 377).

Passados os dez anos iniciais, se o corpo da Companhia de Jesus possuísse dois braços, um deles era reconhecidamente a educação. Esse inclinar dos jesuítas em direção à educação nos revela e consolida, no mínimo, três ideias importantes. Primeiro, a noção de que a Ordem, de fato, era pronta para se adaptar as necessidades. Não somente no campo missionário, na adaptação retórica, no mapeamento do público alvo e no estabelecimento de estratégias; mas, inclusive, prontos para realizarem mudanças significativas em sua própria estrutura e área de atuação. Em segundo lugar, aproxima ainda mais os conceitos de educação como uma prática genuinamente cristã e piedosa.³ Amar ao próximo, “ajudar as almas”, não está retido apenas no campo espiritual, nem em obras declaradamente caridosas. Educar é defender e propagar a fé. Educar é combater o infiel, o herege. Educar é converter o gentio, o pagão. Educar é firmar o estandarte de Cristo. E, por último, ressalta a primordialidade de se pensar a educação sempre vinculada aos precedentes históricos, o percurso da instituição na qual ela está inserida, para que possa ser compreendida as suas finalidades de acordo com o contexto da época.

REFERÊNCIAS

- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. A longa duração. In: *Escritos sobre a história*. Trad. Jacó Guinsburg e Tereza da Mota. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. Mediações entre educação, história e cultura no Brasil colonial. In: *História, cultura e educação*. LOMBARDI, J. C.; et. al. (orgs.). Campinas: Autores Associados, 2006.

³ As *Constituições* classificam os colégios como uma “obra de caridade” (cf. § 440 e 451).



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

CASTANHO, Sérgio. *Teoria da história e história da educação*– por uma históriacultural não culturalista. Campinas: Editora Autores Associados, 2010.

CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. Algés-PT: DIFEL, 2002.

CONSTITUCIONES de la Compañia de Jesus. In: LOYOLA, Inácio de. *Obras completas de San Inácio de Loyola*. Madri, Biblioteca de Autores Cristianos, 1963.

COSTA, Célio Juvenal. *A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)*. Tese de Doutorado em Educação. Piracicaba: UNIMEP, 2004.

HANSEN, João Adolfo. *O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil. Nóbrega - 1549 – 1558*. Rev. Inst. Est., SP, 38:87-119, 1995.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

O'MALLEY, John W. *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS; Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2004.

STORCK, João Batista. *Do Modus parisiensis ao RatioStudiorum: os jesuítas e a educação humanista no início da idade moderna*. In: *Rev. Hist. Educ.* [Online], v. 20, n. 48, Porto Alegre, 2016.